

Parte segunda – Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Capítulo I – Dos Espíritos

Item 8. Anjos e demônios

131. Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

R. “Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome.”.

A palavra demônio não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porquanto o termo grego daimon, donde ela derivou, significa gênio, inteligência e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres prepostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fosse obra de Deus, existiriam, como ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, à dos demônios, no sentido absoluto, falta esta base essencial. Concebe-se que povos atrasados, os quais, por desconhecerem os atributos de Deus, admitem em suas crenças divindades maléficas, também admitam demônios; mas, é ilógico e contraditório que quem faz da bondade um dos atributos essenciais de Deus suponha haver ele criado seres destinados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, porque isso equivale a lhe negar a bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que desejáramos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém, estarão aqueles partidários certos do sentido que ele dava a esse vocábulo? Não é sabido que a forma alegórica constitui um dos caracteres distintivos da sua linguagem? Dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem:

“Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido.”

Não temos visto a Ciência contraditar a forma do texto bíblico, no tocante à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que ele haja dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebela contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem. Poder-se-ia, pois, aceitar o termo demônio com esta restrição. Como o

entendem atualmente, dando-se-lhe um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Satanás é evidentemente a personificação do mal sob forma alegórica, visto não se poder admitir que exista um ser mau a lutar, como de potência a potência, com a Divindade e cuja única preocupação consistisse em lhe contrariar os desígnios. Como precisa de figuras e imagens que lhe impressionem a imaginação, o homem pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram as qualidades ou os defeitos humanos. É assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho munido de uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um mancebo fora contra senso. O mesmo se verifica com as alegorias da fortuna, da verdade, etc. Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como vira outrora Saturno na alegoria do Tempo.

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0131).

Livro 3.

Capítulo 131 – Estágio

00131 / LE

Pelo correr do estudo notaremos a justiça do Criador, como Sua bondade e Seu amor. Ainda estamos no assunto dos chamados erroneamente de demônios, que algumas religiões afirmam serem maus desde o princípio, e que ficarão para sempre em lugares que também criaram, como sendo o inferno eterno. Um punhado de homens esquece que tudo sofre a influência do progresso, e esse progresso já se manifesta muito visível nas páginas do tempo, a nos convidar a retificar os velhos erros de uma filosofia não menos velha, carcomida pelas eras. Se foram criados demônios, carregando as nossas paixões inferiores e apresentando as nossas próprias feições, claro que os demônios fomos nós, antes de conhecermos a Verdade. As mudanças são leis de Deus que dominam e orientam a eternidade das coisas. Nada fica estático; tudo se modifica, e para melhor, desde as primeiras manifestações de vida, até as potencialidades espirituais. Cabe a nós outros procurarmos entender essas mutações ordenadas e induzidas pelo próprio Criador.

Precisamos compreender que tudo existente na criação se encontra em estágios diferentes uns dos outros, mas, em completo movimento pela força do progresso, movimento esse a que podemos chamar, como já foi feito antes, de sopro de Deus. Disse Jesus, em se referindo aos Espíritos malfeitores: “Eles não são maus, apenas ignorantes”. Eles merecem o perdão por não compreenderem a força do Bem dentro de si mesmos, e somente o tempo poderá despertá-los para a luz do verdadeiro entendimento. Toda a maldade, sem exceção, desconhece a eficiência do amor. Depois que passam a viver no regime da fraternidade, colhendo dos seus efeitos valiosos, esquecem-se por completo do mal e condicionam a sua mente apenas às diretrizes da caridade, que lhes mostra a salvação em todos os ângulos que se dispuseram a trilhar.

É por isso que a Doutrina dos Espíritos, que revive o Cristianismo, afirma e reafirma a não existência de demônios, tal como pintados por mentes sem compreensão e por almas que desconhecem a bondade divina. Os demônios nos quais podemos crer moram dentro de cada criatura que ainda não pode eliminá-los. Eles se chamam: ódio inveja, ciúme, maledicência, orgulho, egoísmo e outros tantos mais, que proliferam na sociedade que desconhece o Cristo. Quem tem o céu no coração, quem tem a

consciência tranqüila pelo cumprimento dos deveres, somente cria e vê as coisas de fora que existem por dentro de si. Essa é a lei dos reflexos.

É bom que pensemos nisto: se existem anjos, que foram sempre anjos, e demônios, que foram sempre demônios, onde está a bondade de Deus que criou Seus filhos na igualdade, com tendências diferentes? A razão caminha igualmente para a perfeição e ela está se enriquecendo pela intuição divina, de modo a aceitar a verdade, a única que fica de pé diante de todas as circunstâncias, e é o tempo que vai falar, pelos acontecimentos, a última palavra, sendo que os Espíritos benfeitores falam antes do próprio tempo afirmar.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro III, Cap. 131, Estágio – questão 0131,

(João Nunes Maia).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).